

**UNIVERSIDADE SANTA CECÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE DE
ECOSSISTEMAS COSTEIROS E MARINHOS
MESTRADO EM ECOLOGIA**

PEDRO PAULO DE MELLO E SOUZA LIMA

A FLORA NO COTIDIANO DE UMA POPULAÇÃO TRADICIONAL CAIÇARA

SANTOS/SP

2017

PEDRO PAULO DE MELLO E SOUZA LIMA

A FLORA NO COTIDIANO DE UMA POPULAÇÃO TRADICIONAL CAIÇARA

Dissertação apresentada à Universidade Santa Cecília como parte dos requisitos para obtenção de título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade de Ecossistemas Costeiros e Marinhos, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Mara Angelina Galvão Magenta

SANTOS/SP

2017

Autorizo a reprodução parcial ou total deste trabalho, por qualquer que seja o processo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

589 Lima, Pedro Paulo de Mello e Souza.

L71f A Flora no cotidiano de uma população tradicional caiçara.
Pedro Paulo de Mello e Souza Lima, 2017. 57 f.

Orientadora: Profa. Dra. Mara Angelina Galvão Magenta.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Santa Cecília,
Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade de Ecossistemas
Costeiros e Marinhos, Santos, SP, 2017.

1. Etnobotânica. 2. Transmissão Cultural. 3. Conhecimento Ecológico Local. 4. Prainha Branca. I. Magenta, Mara Angelina Galvão. II. A Flora no cotidiano de uma população tradicional caiçara.

Elaborada pelo SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas – UNISANTA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos jovens da Prainha Branca, que terão a dura missão de defender e conservar as riquezas cultural e sócio-ambiental que lhes foram entregues pelas gerações anteriores.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Mara Magenta e à Prof^a Dr^a Milena Ramires pela orientação, e principalmente pelo enorme conhecimento transmitido e vivências proporcionadas.

À Universidade Santa Cecília e sua equipe, especialmente às sempre eficientes e sorridentes Sandra e Imaculada e a todos os colegas da Universidade, pelas novas amizades e companhia ao longo desta jornada acadêmica.

Aos queridos professores do Programa que me acompanharam até aqui, em especial ao Prof. Dr. Fabio Giordano, que foi um grande incentivador no momento do ingresso no Mestrado.

Aos amigos que além de acompanhar me apoiaram em toda a trajetória das disciplinas e saídas de campo, em especial João Thiago, Marcelo Gazzoli, Fátima, Carlota e Anna Luiza.

E aos moradores da Prainha Branca (Guarujá) que me acolheram da melhor maneira em todas as visitas que fiz à comunidade, da qual recebi muitos convites para entrar em suas casas, participar de suas atividades e festas. Ofertas estas que conduziram à uma oportunidade única de conhecer todas as facetas de sua cultura e conhecimento tradicionais.

EPÍGRAFE

**“Our society will be defined not only by what we create,
but by what we refuse to destroy”**

John C. Sawhil

RESUMO

O Conhecimento Ecológico Local (CEL) em comunidades tradicionais tem recebido atenção da comunidade científica devido aos saberes acumulados por estas populações ao longo de muitas gerações. Diversos ramos da ciência, em especial a etnobotânica, têm buscado extrair da sabedoria popular conhecimento sobre recursos vegetais. Este trabalho tratou de um diagnóstico da utilização de espécies vegetais no cotidiano da população caiçara da Prainha Branca, localizada no município de Guarujá (São Paulo, Brasil). Com os objetivos de investigar os diferentes usos dos recursos vegetais e a diversidade de espécies apontadas pelos moradores de uma das últimas populações caiçaras da região. Foram entrevistadas 29 pessoas, utilizando o método Bola de Neve, onde cada participante indicou outro morador que utilizasse plantas no cotidiano. As amostras foram coletadas por meio de turnê guiada, herborizadas, identificadas e os vouchers depositados no herbário HUSC. Com um total de 100 nomes populares de plantas úteis apontadas, correspondendo a 96 espécies, foi calculado o índice de diversidade de Shannon com base 10 ($H' = 1,83$) e, para as plantas de uso medicinal (a maioria), o índice de Importância Relativa (IR), com 11 espécies apresentando $IR > 1$. A maioria das espécies levantadas é exótica (60%), no entanto as plantas mais utilizadas são nativas. Além disso, a maior parte dos vegetais utilizados é coletada ou cultivada, indicando que apesar das pressões da vida urbana, há bom nível de conservação do Conhecimento Ecológico Local (CEL) que é transmitido, na Prainha Branca, predominantemente de modo horizontal.

Palavras Chave: Etnobotânica. Transmissão Cultural. Conhecimento Ecológico Local. Prainha Branca.

ABSTRACT

Local Ecological Knowledge (CEL) in traditional communities has received attention from the scientific community due to the knowledge accumulated by these populations over many generations. Several branches of science, especially ethnobotany, have sought to extract knowledge of plant resources from popular wisdom. This study was a diagnostic of the use of plant species in the daily life of the Prainha Branca caiçara population, located in the city of Guarujá (São Paulo, Brazil). Aiming to investigate the different uses of plant resources and the diversity of species pointed out by the residents of one of the last caiçaras populations in the region, 29 people were interviewed, using the Snowball method, where each participant indicated another resident who used plants in the daily. The samples were collected by Guided Tour, herborized, identified and de vouchers deposited in the HUSC herbarium. With a total of 100 popular names of useful plants pointed out, corresponding to 96 species, most of them being for medicinal use, the diversity index of Shannon with base 10 ($H' = 1.83$) was calculated and, for medicinal plants (most), the Relative Importance (RI) index, whith 11 species presented $RI > 1$. Most of the raised species are exotic (60%), however the most used species are native. In addition, most of the plants are collected or cultivated, indicating that despite the pressures of urban life, there is a good level of conservation of the Local Ecological Knowledge (CEL) that is transmitted, in Prainha Branca, predominantly horizontally.

Keywords: Ethnobotany. Cultural Transmission. Local Ecological Knowledge. Prainha Branca.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização da área de estudo (círculo).....	17
Figura 2. Areia branca que dá nome ao lugar com destaque para a vegetação de restinga entre a praia e a mata.	18
Figura 3. Estrutura de bambu sendo montada para a tradicional Festa da Tainha, comemorada todos os anos no mês de julho.	20
Figura 4. Ruínas da Ermida do Guaibê, onde o conhecido Padre José de Anchieta teria catequizado índios. (Fonte: Magenta, 2016)	21
Figura 5. Relação entre a escolaridade dos entrevistados e o número de plantas citadas.	25
Figura 6. Relação entre a faixa etária dos entrevistados e o número de plantas citadas..	25
Figura 7. Relação entre a média de citações de plantas pelos informantes homens e mulheres.....	26
Figura 8: Quintal típico da comunidade com plantas cultivadas e a mata ao redor das casas.	34
Figura 9: trilha estreita de acesso à Prainha Branca cercada pela Mata Atlântica	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil socioeconômico dos entrevistados na Comunidade da Prainha Branca	24
Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores da Prainha Branca	27
Tabela 3: Listagem de indicações medicinais de espécies citadas pelos entrevistados da Prainha Branca, Guarujá (SP) com IR (Importância Relativa) maior do que 1.....	37
Tabela 4: Comparação com alguns trabalhos etnobotânicos realizados em regiões costeiras de diferentes estados brasileiros, cinco deles também utilizando o Índice de Shannon adaptado por Begossi (1996).....	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVOS.....	16
1.2 Objetivo geral.....	16
1.3 Objetivos específicos.....	16
2. MATERIAL E MÉTODOS.....	17
2.1 Área de estudo	17
2.2 Origem da comunidade	19
2.3 Métodos para amostragem e análise de dados	21
3. RESULTADOS	24
4. DISCUSSÃO	38
5. CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS	47

1. INTRODUÇÃO

O uso de plantas pelo homem tem pelo menos 60 mil anos, com a busca por temperos e medicamentos. Desde a antiguidade, plantas são usadas na Índia e no Tibet como especiarias e condimentos, como por exemplo, a canela (*Cinnamomum verum* J. Presl) e a mostarda (*Brassica nigra* (L.) K. Koch) (NEGRAES, 2001). Em relação ao uso medicinal, a obra mais antiga sobre o assunto é atribuída ao imperador chinês Shen Nung que listou mais de 300 plantas, com 25 finalidades terapêuticas, por volta de 200 anos antes de Cristo (BUCHAU, 2001).

Outras utilidades historicamente dadas aos recursos vegetais são destacadas em trabalhos com comunidades tradicionais que conservam a relação homem-natureza em seu modo de vida. Além de servirem para a alimentação e a medicina, as plantas também são utilizadas para a construção, artesanato, rituais religiosos e cosméticos (DIEGUES e ARRUDA, 2001).

Existem registros de trabalhos que tratam do uso de plantas como um ramo da etnobiologia desde a segunda metade do século XIX (CLEMENTE, 1998). Para designar especificamente o estudo da relação entre as pessoas e as plantas, o botânico norte-americano Willian Harschberger (1886) instituiu, em 1886, o termo “etnobotânica”, no artigo *The purposes of ethno-botany*, focado em sociedades tradicionais e não-industrializadas (ALBUQUERQUE, 2005).

Begossi (2001) e Albuquerque (2005) consideram a etnobotânica como uma área da etnobiologia que analisa os sistemas de classificação popular e estuda como as diferentes culturas percebem e lidam com a natureza. Estes autores afirmam que atualmente os estudos etnobotânicos são direcionados também às sociedades industrializadas e às não tradicionais com objetivos diversos, que podem ser a busca dos significados e maneiras de utilização da flora pelas populações ou a procura por soluções de problemas específico e voltados para o papel social da ciência, como por exemplo o descobrimento de um remédio para determinada doença ou produtos alimentícios com viabilidade comercial.

Considerando que a etnobotânica investiga o conhecimento e a relação das populações com os vegetais nos mais diversos sistemas (HANAZAKI, 2004; DE OLIVEIRA, 2009), suas abordagens podem fornecer respostas importantes tanto para problemas de conservação biológica como para questões direcionadas para o

desenvolvimento local, valorizando o conhecimento popular das comunidades estudadas (AMOROZO et al., 1996). É considerada uma ciência multidisciplinar, por haver uma grande gama de temas estudados por ela, com significância para a indústria e o comércio (ALBUQUERQUE, 2005).

Lorenzi e Mattos (2002) lembram que nos países com clima tropical há grande abundância de plantas que oferecem usos medicinais e terapêuticos, como no bioma da Mata Atlântica, que apresenta uma grande diversidade de plantas, muitas com ação biológica ainda não identificada. Esses autores também observaram que, na maioria dos casos, há coincidência da literatura científica com o conhecimento popular quanto às propriedades das espécies, reforçando a importância das pesquisas sobre o assunto.

Simões e Schenkel (2002) concluíram que, no Brasil, há premência na aproximação entre os veículos de pesquisa acadêmica e a indústria, não só como forma de elevar a produção de remédios e demais produtos, mas para aumentar a consciência social e o desenvolvimento sustentável focado na conservação dos recursos naturais em território nacional. Remédios, cosméticos e alimentos fabricados com recursos vegetais extraídos de forma sustentável, sem processos químicos artificiais e rejeição de resíduos poluentes podem ser mais seguros para a população e o meio ambiente (HANAZAKI, 2003). Em relação às políticas públicas, pode-se citar o “Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos” (BRASIL, 2009), do Ministério da Saúde, que incentiva e fomenta ações na pesquisa e conservação do etnoconhecimento sobre os recursos vegetais.

O acúmulo de informações por determinados segmentos da população tem gerado interesse acadêmico crescente na conservação destes saberes (TABARELLI, 2005; ALBUQUERQUE e HANAZAKI, 2006), especialmente em pesquisas com fins conservacionistas, por se entender que uso dos recursos vegetais está intrinsecamente ligado ao modo de vida de certas comunidades e à sustentabilidade de seu relacionamento com o meio ambiente (ARRUDA, 1999). Dessa forma, as populações pesquisadas passam a ser vistas não somente como meras fontes de informação, mas são adotadas abordagens participativas, a fim de proporcionar subsídios e decisões em busca da manutenção dos bens culturais e naturais destas sociedades (LIRA e CÂNDIDO, 2013).

Entre as populações que costumam transmitir seus conhecimentos sobre uso de plantas, estão aquelas conhecidas como “caiçaras”. O termo teve origem no

vocábulo tupi-guarani caá-içara (ADAMS, 2000), primeiramente usado para designar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias e o cerco feito com galhos de árvores fincados no chão para cercar o peixe dentro da água. Com o passar dos anos passou a designar as comunidades das áreas costeiras dos atuais Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e norte de Santa Catarina (DIEGUES e ARRUDA, 2001).

A constituição da cultura caiçara no Brasil está ligada às misturas raciais e culturais que ocorreram ao longo da ocupação do país, desde o século XV com a chegada dos colonizadores portugueses. Em especial após o século XVIII, quando começaram a se formar pequenas comunidades isoladas no litoral, que viviam essencialmente da pesca e do extrativismo (ADAMS, 2000).

Mestiça do branco português com índios, a população caiçara, se constituiu em células ao longo da costa brasileira, principalmente nas regiões sul e sudeste, que foram formadas sob influência dos ciclos econômicos pelos quais estas regiões passaram por serem comunidades voltadas para a pequena agricultura e a pesca. Produtos como farinha de mandioca, café e peixes eram mais facilmente escoados pela via marítima, no entanto havia pouca comunicação por terra, fazendo com que muitas destas comunidades se tornassem núcleos isolados e preservados da cultura caiçara (SANCHES, 1997).

Comunidades caiçaras têm seu cotidiano, incluindo sua alimentação e medicina, baseado no uso de recursos vegetais, na agricultura itinerante, pesca e no artesanato (BEGOSSI, 1998, 2001; ALBUQUERQUE, 2005).

Em acréscimo, deve-se lembrar que essas comunidades estão alocadas no bioma Mata Atlântica, que originalmente ocupava uma larga faixa paralela à costa do Brasil que ia do estado do Rio Grande do Sul até o estado do Piauí em uma área de cerca de um milhão e meio de quilômetros quadrados (VARJABEDIAN, 2010) e atualmente restam aproximadamente 10% desse total, de forma fragmentada (VARJABEDIAN, 2010; FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 2017). Ainda assim a Floresta Atlântica é considerada um dos 25 *hotspots* (áreas prioritárias para conservação) mundiais e tem recebido especial atenção do meio científico nas últimas três décadas (VARJABEDIAN, 2010). Entende-se que estão nos *hotspots* as espécies mais vulneráveis à condição de extinção (MITTERMEIER, 1999).

Nas últimas décadas, houve aumento do interesse do meio científico em pesquisas com comunidades estabelecidas em locais de domínio de Mata Atlântica com a finalidade de levantar e estudar espécies de interesse ecológico, com potencial

em ações de restauração do bioma e econômico, com utilidades diversas para o comércio e a indústria (RIZZINI e MORS, 1976; PRANCE, 1988; MARQUES, 2001; PEREIRA et al., 2008). Assim, vários estudos desenvolvidos sobre etnobotânica têm sido desenvolvidos junto a populações litorâneas (CHRISTO et al., 2006; MIRANDA e HANAZAKI, 2008; BORGES e PEIXOTO, 2009; GIRALDI e HANAZAKI, 2010).

O fato de algumas comunidades terem sido expulsas de seus territórios pela ocupação imobiliária e outras terem se tornado prestadoras de serviços para turistas como forma de sobrevivência (DIEGUES e ARRUDA, 2001) aumenta a relevância dos esforços para resgatar o conhecimento caiçara.

O Estado de São Paulo concentra uma parte considerável dos remanescentes da Mata Atlântica (18%), com grandes manchas de floresta ombrófila cobrindo a região da Serra do Mar (MELE, 2009). Por outro lado, à medida que as pressões urbanas se expandem, o bioma e suas populações consideradas tradicionais têm sofrido fortes impactos. A especulação imobiliária e a formação de aglomerados populacionais desordenados são os principais causadores destes impactos (MELE, 2009).

Entre os fragmentos de Mata Atlântica preservados no estado, está a Serra do Guararu (Gurarujá), que possui 22 morros, abrangendo 2.100 hectares, que representam uma das poucas porções significativas remanescentes da Mata Atlântica, na região da Baixada Santista, com bom estado de conservação (LEONELLI e GALLO, 2012). Segundo Mele (2009) a flora desta região foi vítima da intervenção humana com povoamento não planejado em moradias precárias e sem saneamento básico.

Na Serra do Guararú, existe um lugar de difícil acesso às áreas mais próximas ao mar, denominado Vila da Prainha Branca, onde os moradores formam uma *População Tradicional Caiçara*, e assim sendo qualificada pelo “Plano Diretor do Município” (GUARUJÁ, 2013). Não obstante De Oliveira (2009) afirma, que houve crescimento substancial, nos últimos anos, das pesquisas na área de etnobotânica no Brasil. Entretanto, em busca minuciosa não foram encontrados trabalhos etnobotânicos publicados, que tenham sido desenvolvidos na comunidade da Prainha Branca.

Levando em consideração que a região onde está localizada a comunidade tradicional da Prainha Branca passou por pressões, como a diminuição do valor da pesca artesanal e o aumento do turismo pela proximidade e a especulação imobiliária

(TURATTI, 2012), o presente estudo visou testar a hipótese de encontrar, ainda, conhecimento por parte dessa população sobre o uso da flora, em especial de espécies nativas da Mata Atlântica que a cerca.

1.1 OBJETIVOS

1.2 OBJETIVO GERAL:

Analisar o uso e manejo da vegetação pela população caiçara da Prainha Branca, no município de Guarujá.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Elencar qualitativa e quantitativamente as plantas utilizadas pela comunidade da Prainha Branca e analisar os diferentes usos da vegetação (medicina, artesanato, alimentação, comércio, etc.);
- Investigar o conhecimento ecológico local (CEL) sobre as espécies vegetais mais utilizadas;
- Identificar e comparar os padrões de conhecimento sobre o uso de plantas entre os gêneros e em diferentes faixas etárias;
- Investigar a forma de transmissão do conhecimento;
- Avaliar a diversidade de espécies vegetais utilizadas pelos moradores da Prainha Branca, pelo uso do Índice de Shannon e comparar os resultados com os de trabalhos similares;
- Verificar a possível existência e uso de espécies exóticas;
- Estimar a importância relativa das plantas citadas para uso medicinal.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1 ÁREA DE ESTUDO

A comunidade da Prainha Branca está localizada na porção leste do município de Guarujá, conhecida como “Rabo do Dragão” (Figura 1), e é uma das poucas comunidades tradicionais encontradas na região da Baixada Santista, com grupos familiares que lá habitam há mais de cem anos (TURATTI, 2012). O local recebe o nome de Vila Prainha Branca, devido a sua orla praial de 1,35 Km formada por areia branca.

Devido à sua posição geográfica, cercada por morros e de acesso difícil, o povoado da Prainha Branca ficou isolado do restante da população do município de Guarujá por muitas décadas. Para sair e entrar do lugar os moradores utilizavam canoas e barcos característicos da comunidade, reconhecidamente tradicional. Este isolamento contribuiu para a conservação, por décadas, da cultura e do modo de vida intimamente ligados à natureza. Além disso outras características, como na forma de se vestir e se expressar, assim como o autorreconhecimento da identidade caiçara são traços marcantes até os dias atuais (PETROBRAS, 2012).

O autoreconhecimento está ligado não somente à aceitação do termo caiçara, mas ao pertencimento social e ao entendimento, por parte da população, de que a condição atual é fruto da soma de múltiplos fatores: territoriais, de ancestralidade, culturais e econômicos (TURATTI, 2012; BAPTISTA e VIEIRA, 2014).

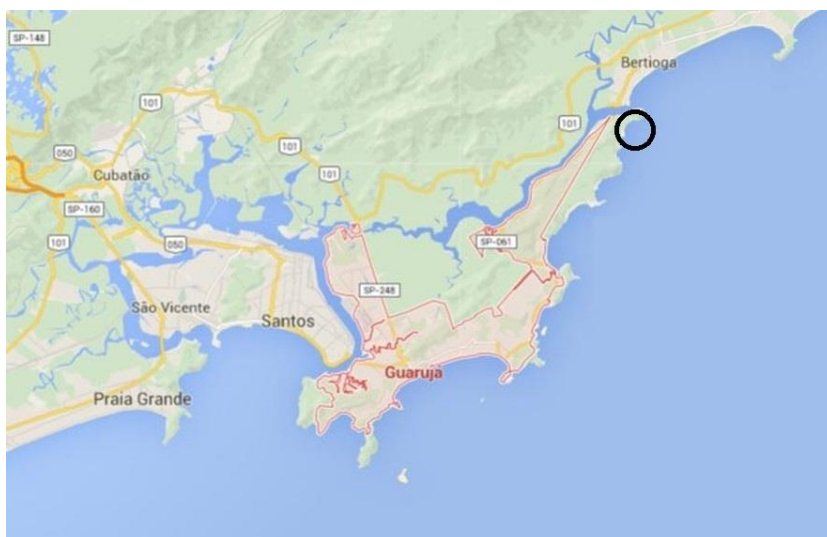


Figura 1. Localização da área de estudo (círculo). Coordenadas: 23°52'2" ; 46°8'2".
Fonte: Adaptado de Google Maps (2017).

Nas encostas, encontra-se a Floresta Ombrófila. Há no entorno da área de praia, que deu origem ao nome Prainha Branca, a presença de vegetação de restinga (Figura 2), caracterizada por ser mais frágil, especialmente devido ao solo arenoso e salino (MELE, 2009). Outro tipo de vegetação presente nas proximidades é o mangue (PETROBRAS, 2012), que é definida por Schaeffer-Novelli (1995) como o ecossistema costeiro de transição entre os ambientes terrestre e marinho.



Figura 2. Areia branca que dá nome ao lugar com destaque para a vegetação de restinga entre a praia e a mata.

O Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – CONDEPHAAT, através da resolução 48 de 18/12/1992, efetuou o tombamento da Serra do Guararu e da Vila da Prainha Branca, como bem cultural de interesse paisagístico, ambiental e científico:

Com uma área aproximada de 2.100 ha, a Serra do Guararu representa uma das últimas porções de dimensões significativas de Mata Atlântica, em bom estado de conservação, na planície costeira do litoral central. Constituída quase que totalmente por morros cristalinos (migmatitos-granitos), com amplitudes topográficas em torno de 240 a 320 m, declividades médias das encostas superiores de 30 a 45%, e perfis variando de convexos a retilíneos, a área destaca-se pela alta fragilidade e suscetibilidade a movimentos rápidos e intensos de ruptura do equilíbrio geológico, sobretudo quando da intervenção antrópica extensiva e desordenada. A cobertura vegetal predominante da Mata Atlântica cumpre um papel fundamental de proteção à frágil estabilidade das encostas, atenuando a ação do escoamento superficial, dos processos erosivos e dos movimentos de massa. Faz parte também deste tombamento a Vila da Prainha Branca, por abrigar elementos culturais representativos das comunidades caiçaras. A área tombada inclui todo o setor serrano orientado no sentido SW-NE, situado

entre as coordenadas UTM 7.353,68-7.360,75 kmN e 380,08-383,70 kmE (CONDEPHAAT, 1992).

2.2 ORIGEM DA COMUNIDADE

A população da Prainha Branca é formada atualmente por cerca de 100 famílias, que totalizam aproximadamente 350 habitantes (PETROBRAS, 2012). Ao longo do presente trabalho, em diversas conversas com lideranças comunitárias, este número foi confirmado.

Turatti (2012), em seu laudo antropológico da Prainha Branca, verificou que praticamente a totalidade dos indivíduos é descendente das famílias que ocuparam originalmente o lugar, em meados do século XIX por famílias de pescadores originários do Montão do Trigo, localizado mais ao norte do litoral, que tinham a Prainha Branca como área de descanso e, por vezes eram forçados a prolongar a permanência ali devido às mudanças da maré, que impediam o retorno em seus frágeis barcos e canoas. Assim, começaram a construir abrigos e pequenas casas de pau-a-pique. Aos poucos alguns destes pescadores trouxeram suas famílias e se instalaram em definitivo na Prainha Branca.

Atualmente as atividades econômicas típicas da cultura caiçara foram bastante reduzidas (BUZZULINI e SUZUKI, 2009), porém permanecem vivas as práticas caiçaras com relação às tradições culturais, vestuário, maneiras de se expressar e o autorreconhecimento de sua população como tal (GUARUJÁ, 2013)

Festas e comemorações tradicionais são recorrentes e movimentam toda a comunidade. Em laudo antropológico recente (TURATTI, 2012) os moradores citaram a Festa de Reis, a Festa da Tainha (Figura 3), Festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição e outras festas religiosas intimamente ligadas às tradições caiçaras.



Figura 3. Estrutura de bambu sendo montada para a tradicional Festa da Tainha, comemorada todos os anos no mês de julho.

Igualmente, é relevante o fato de que séculos antes da chegada dos pescadores que deram origem à atual população da Prainha Branca, o local foi palco de conflitos entre indígenas e colonizadores portugueses (TURATTI, 2012).

Estes edificaram no local uma armação de baleias e a Ermida do Guaibê (Figura 4), onde o Padre José de Anchieta teria permanecido, no século XVI, catequizando índios a fim de consolidar a presença portuguesa no local (FESTOZO e REIS, 2013). O local foi abandonado pelos colonizadores e hoje restam ruínas históricas com pouca conservação e que servem de atrativo turístico e cultural.



Figura 4. Ruínas da Ermita do Guaibê, onde o conhecido Padre José de Anchieta teria catequizado índios. (Fonte: Magenta, 2016).

2.3 MÉTODOS PARA AMOSTRAGEM E ANÁLISE DE DADOS

Essa pesquisa faz parte do projeto “Usos e Manejo da Vegetação”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNISANTA, pelo Parecer Consubstanciado nº.

1.515.464 e coordenado pela profa Dra. Mara Magenta.

Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com indivíduos maiores de 18 anos, residentes há mais 10 anos na Prainha Branca e indicados pelos próprios moradores, através do Método Bola de Neve (BAILEY, 1982), como conhecedores das plantas locais.

Foi entrevistado um membro de cada família a fim de se obter uma amostra representativa da população da Prainha Branca, descartando-se núcleos familiares que não tenham ao menos um membro que atenda aos dois requisitos citados acima.

Foram obtidos dados gerais dos informantes como gênero, idade, escolaridade e atividade desenvolvida, seguindo a metodologia proposta Miranda e Hanazaki (2008) para a descrição do perfil dos membros da comunidade que conhecem e fazem uso das plantas.

O material botânico foi coletado com autorização prévia do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO) e processado de acordo com procedimentos encontrados em Fidalgo e Bononi (1989). As coletas foram guiadas por entrevistados que se mostraram conhecedores dos nomes populares e disponíveis a participar da identificação em loco da flora. Este método, chamado Turnê Guiada consiste na fundamentação e validação dos nomes citados na pesquisa, realizado por meio em expedições de campo onde o informante (guia) apontava espécimes correspondentes aos nomes auferidos nas entrevistas (ALBUQUERQUE, 2010). O esforço desta atividade contou com sete incursões ao local de pesquisa com total de 30 horas de duração.

A classificação das plantas em exótica ou nativa seguiu o conceito de Moro et al. (2012) e a validação dos nomes científicos foi realizada através de consulta nos bancos de dados: a) para espécies nativas: Flora do Brasil 2020 (2017); b) para espécies exóticas: *The Plant List* (2013).

Após a identificação e processamento, os espécimes foram depositados no Herbário HUSC, da Universidade Santa Cecília de Santos.

Para que fosse possível a comparação da diversidade de plantas utilizadas com trabalhos feitos por outros autores em locais com domínio da Mata Atlântica, foi utilizado o índice de Shannon (H'), presente na maioria dos recentes estudos

similares. Nessa adaptação, o índice considera a abundância relativa das citações (ODUM, 1988; BEGOSSI, 1996).

O índice de Shannon (H') foi calculado pela seguinte fórmula:

$$H' = - \sum p_i \times \log p_i,$$

Onde p_i traduz a razão entre o número de citações por espécie e o número total de citações (BEGOSSI, 1996).

Este trabalho não objetivou o estudo aprofundado de plantas utilizadas para fins medicinais e terapêuticos. Todavia, considerando o alto número de citações para esta finalidade, foi estimada a Importância Relativa (IR) destas plantas. As espécies que obtiveram os maiores valores correspondem às indicadas para tratamento do maior número de sistemas corporais e consideradas, assim, as mais versáteis (BENNETT e PRANCE, 2000). O cálculo é feito com o uso da fórmula:

$$IR = NSC + NP$$

Onde IR é a importância relativa, NSC é o número de sistemas corporais obtido pela razão entre o número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie (NSCE) e o número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (NSCEV). NP é a razão entre o número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie (NPE) e o número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil (NPEV).

A compilação das informações sobre os sistemas corporais e os sintomas das doenças foi extraída da lista de Classificação Internacional de Doenças (CID), da Lista Oficial da Organização Mundial de Saúde (WHO, 2016).

Foram utilizadas como perguntas norteadoras do estudo: a população tradicional caiçara da Prainha Branca possui conhecimento sobre as plantas nativas? Quais plantas são mais conhecidas e utilizadas pelos membros da comunidade? Este conhecimento está uniformemente distribuído ou se concentra em partes específicas do grupo populacional, com relação a gênero e faixa etária? Qual o posicionamento da comunidade em relação a conservação da biodiversidade e também do conhecimento tradicional sobre plantas?

Para avaliar como o conhecimento sobre o uso das plantas é transferido foi utilizado o conceito dado por Reyes-García et al. (2009) que definiu três tipos de transmissão cultural: horizontal (quando ocorre entre membros da mesma geração), vertical (quando ocorre entre gerações diferentes da mesma família ou grupo social) e oblíqua (horizontal e vertical simultaneamente).

3. RESULTADOS

Foram entrevistadas 29 pessoas, com faixa etária entre 35 e 88 anos (Tabela 1). A maioria dos entrevistados (72,4%) é de mulheres e todos residem há mais de 15 anos na comunidade. Mais da metade das pessoas que fizeram parte da pesquisa possui apenas o ensino fundamental (58,6%); o segundo maior grupo cursou o ensino médio (27,58%); apenas uma pessoa é graduada em nível superior (3,44%) e três são analfabetas (10,3%). O tamanho da família varia, havendo uma média de 3,6 filhos entre os entrevistados. Porém, este número sobe para cinco, quando considerados apenas os entrevistados com 60 anos de idade ou mais, revelando uma queda da natalidade nas gerações mais novas.

A maioria dos moradores desenvolve atividades econômicas na própria comunidade, tais como turismo, comércio, atividades no lar e pesca. Mas há também mulheres aposentadas e que são donas de casa.

Tabela 1: Perfil socioeconômico dos entrevistados na Comunidade da Prainha Branca.

Dados		%
Sexo	Feminino	72,4%
	Masculino	27,5%
Faixa etária	>60 anos	37,93%
	51 a 60 anos	34,48%
	41 a 50 anos	20,68%
	31 a 40 anos	6,89%
	Fundamental	58,6%
	Médio	27,58%
Escolaridade	Analfabeto	10,34%
	Superior	3,44%
	Comerciante	34,48%
Atividade Econômica	Aposentado(a)	20,68%
	Locador de Camping	13,79%
	Monitor ambiental	10,34%
	Dona de casa	6,89%
	Servidor Público	6,89%
	Pescador	6,89%

Quanto ao grau de conhecimento sobre o uso de plantas dos entrevistados, notou-se que há equilíbrio entre os grupos dos diversos níveis de escolaridade (Figura 5), com exceção do indivíduo com formação em nível superior, que demonstrou conhecer menos sobre as utilidades dos vegetais.

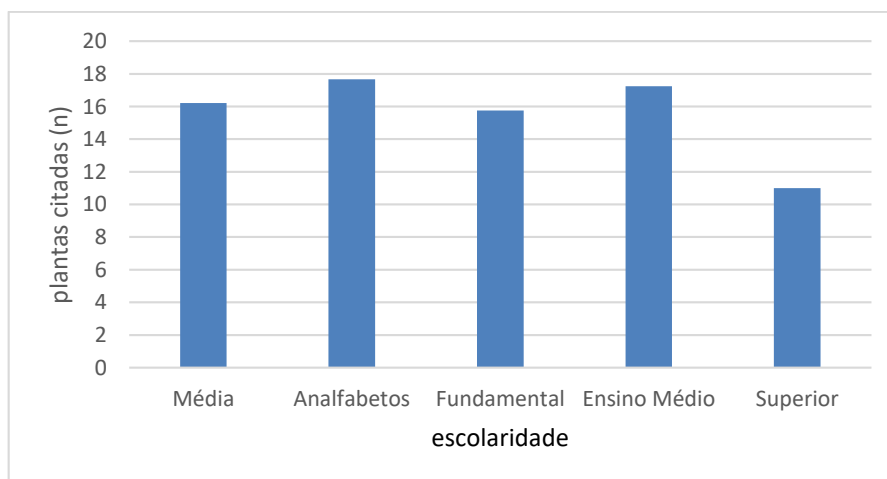


Figura 5. Relação entre a escolaridade dos entrevistados e o número de plantas citadas.

Observando as citações de acordo com a idade dos entrevistados, nota-se que os que possuem entre 31 e 40 anos citaram mais plantas (Figura 6). Considerando ser o menor grupo, com apenas dois indivíduos, e que os próprios indicaram informantes mais velhos para a pesquisa, é provável que haja influência de uma memória mais apurada, por conta da baixa idade.

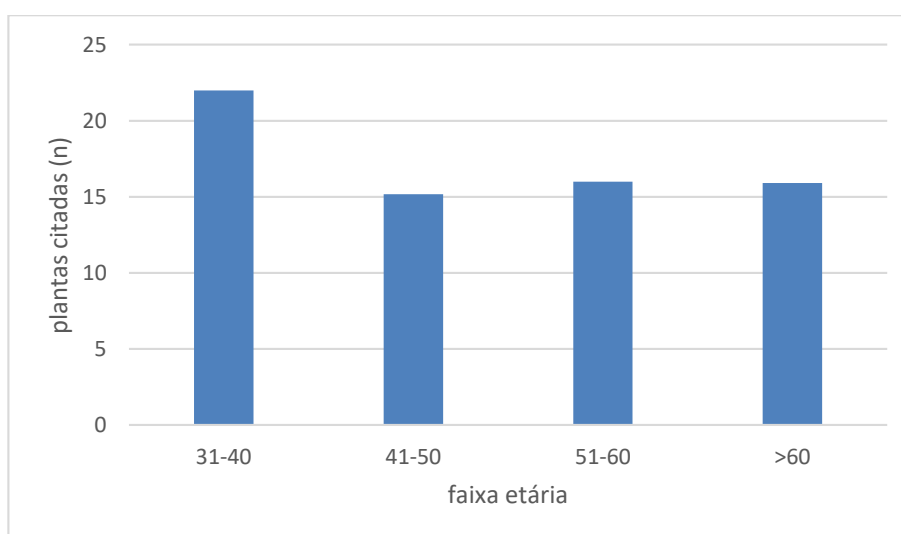


Figura 6. Relação entre a faixa etária dos entrevistados e o número de plantas citadas.

Com relação ao sexo dos participantes da pesquisa o resultado mostrou que os indivíduos do gênero masculino, com média de 16,75 citações por informante, possuem conhecimento sobre plantas úteis similar aos do gênero feminino, estes com média de 16 citações por entrevistado (Figura 7).

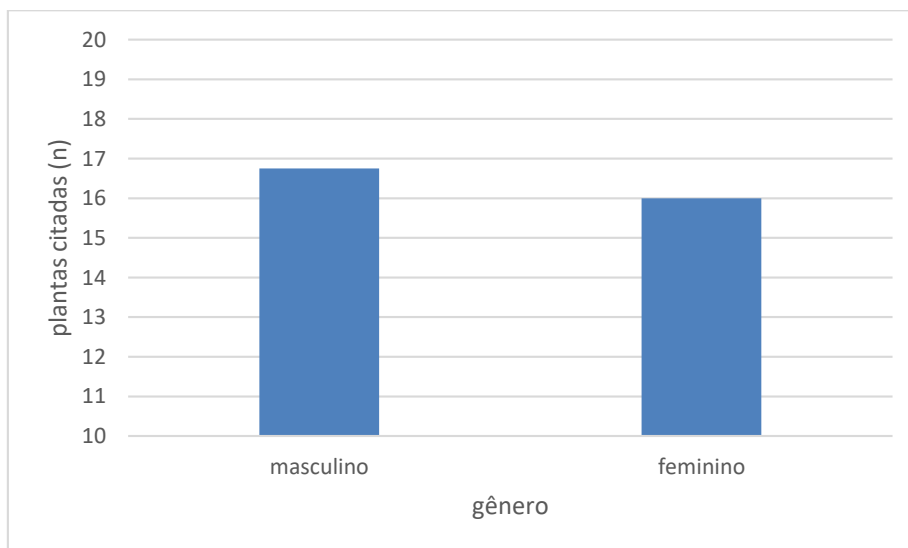


Figura 7. Relação entre a média de citações de plantas pelos informantes homens e mulheres.

Quase a totalidade dos moradores (96,5%) relatou ter aprendido sobre a utilização das plantas com pais, avós e vizinhos mais velhos.

Cabe destacar que o único indivíduo que não afirmou ter adquirido o conhecimento desta maneira é originário do município de Osasco-SP, de onde veio sozinho para passar férias na Prainha Branca e lá reside há 18 anos. O mesmo disse ter aprendido tudo o que sabe sobre plantas com o antigo proprietário da casa em que reside, a qual lhe serviu de pousada quando chegou como turista, e que herdou posteriormente.

O uso das plantas, em geral, é diário e a parte mais utilizada é a folha e, conforme exposto anteriormente, a maioria dos entrevistados às utiliza para fins medicinais.

Foram registrados 100 nomes populares de plantas utilizadas pela população da Prainha Branca (Tabela 2), representando 96 espécies científicas, distribuídas em 48 famílias botânicas. As famílias com maior representatividade (mais de cinco espécies) foram: Asteraceae (11), Lamiaceae (8) e Myrtaceae (7).

Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores da Prainha Branca (N= 94). Sendo: nativas=N exóticas=E exótica naturalizada=EN; categoria de uso= (medicinal=MED; alimento=ALI; artesanato= ART; religioso=REL; construção=CON) e aquisição= (cultivada=CUL; coletada=COL; comprada=COM); IR = Importância Relativa. Valores acima de 1 estão destacados em negrito.

(Continua)

TÁXON	NOME LOCAL	USO	Nativa/ Exótica	Aquisição	IR
ACANTHACEAE					
<i>Justicia gendarussa</i> Burm.f	Abre-Caminho	REL	E	COL	-
ADOXACEAE					
<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	MED	EN	CUL/COL	0,5
ALISMATACEAE					
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. e Schltdl.) Micheli	Chapéu-de-Couro	MED	E	COL	1
AMARANTHACEAE					
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Penicilina	MED	N	COL	0,75
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Erva-de-Santa-Maria Mastruz	MED	EN	CUL/COL	2
ANACARDIACEAE					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	MED	N	COM/COL	1
<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	MED	E	CUL	1
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira-vermelha	MED	N	CUL/COL	1,5
<i>Spondias dulcis</i> Parkinson	Cajamanga	MED	E	CUL/COL	0,5
ANNONACEAE					
<i>Annona</i> cf. <i>neosericea</i> H.Rainer	Graviola	MED	E	CUL	0,5
APIACEAE					
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	MED/ALI	EN	CUL/COL	0,5
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsinha	MED/ALI	E	CUL/COM	0,5
APOCYNACEAE					
<i>Plumeria rubra</i> L.	Jasmim	MED	E	CUL, COM	1
ARACEAE					
<i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.	Coração-de-Jesus	MED	N	COL	0,75
ARISTOLOCHIACEAE					
<i>Aristolochia triangularis</i> Cham. & Schltdl.	Cipó-milombo	MED	N	COL	0,5
ASPHODELACEAE					
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	MED/ALI	E	CUL	1

Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores da Prainha Branca (N= 94). Sendo: nativas=N exóticas=E exótica naturalizada=EN; categoria de uso= (medicinal=MED; alimento=ALI; artesanato= ART; religioso=REL; construção=CON) e aquisição= (cultivada=CUL; coletada=COL; comprada=COM); IR = Importância Relativa. Valores acima de 1 estão destacados em negrito.

(Continua)

TÁXON	NOME LOCAL	USO	Nativa/ Exótica	Aquisição	IR
ASTERACEAE					
<i>Achillea millefolium</i> L.	Dipirona	MED	E	COL	0,5
<i>Matricharia chamomilla</i> L.	Camomila	MED	E	COM	1
<i>Mikania cf. glomerata</i> Spreng	Guaco	MED	E	CUL	0,5
<i>Taraxacum campylodes</i> G.E.Haglund	Dente-de-leão	MED	E	COL	0,75
<i>Baccharis trimera</i> (Less.)DC.	Carqueja	MED	E	CUL/COL	0,25
<i>Bidens alba</i> (L.) DC.	Picão-preto	MED	N	CUL/COL	1
<i>Calendula officinalis</i> L	Calêndula	MED	E	CUL/COM	0,5
<i>Erechtites valerianifolius</i> (Wolf) DC.	Maria-Gondó	MED	N	CUL	0,5
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp	Boldo-caiçara	MED	E	CUL/COL	1
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Erva lanceta	MED	N	COL	0,75
<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass	Guaxima	MED	N	COL	0,25
BIGNONIACEAE					
<i>Jacaranda macrantha</i> Cham.	Carobinha	MED	N	CUL/COL	1
BIXACEAE					
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	MED	N	COM/COL	0,5
BORAGINACEAE					
<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	Baleeira	MED	N	COL	1
BROMELIACEAE					
<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	Gravatá Caraguatá	MED	N	COL	0,5
CACTACEAE					
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Cacto Palma	MED/ALI	N	CUL/COL	0,5
CLUSIACEAE					
<i>Garcinia brasiliensis</i> Mart.	Bacupari	MED	N	COL	0,25
COMBRETACEAE					
<i>Terminalia catappa</i> L.	Chapéu de Sol	MED	EN	COL	0,5

Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores da Prainha Branca (N= 94). Sendo: nativas=N exóticas=E exótica naturalizada=EN; categoria de uso= (medicinal=MED; alimento=ALI; artesanato= ART; religioso=REL; construção=CON) e aquisição= (cultivada=CUL; coletada=COL; comprada=COM); IR = Importância Relativa. Valores acima de 1 estão destacados em negrito.

(Continua)

TÁXON	NOME LOCAL	USO	Nativa/ Exótica	Aquisição	IR
COSTACEAE <i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	Caninha-do-brejo	MED/ALI	N	CUL/COL	1,25
CRASSULACEAE <i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Fortuna	MED	E	CUL/COL	1,25
DIOSCOREACEAE <i>Dioscorea trifida</i> L.f.	Cará mimoso	ALI	N	COL	-
EUPHORBIACEAE <i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Avelós	MED	E	COL	0,5
LAMIACEAE <i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira Melissa	MED	E	CUL/COM	0,5
<i>Mentha pulegium</i> L.	Hortelãzinho Poejo	MED	EN	CUL/COM	0,5
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição Alfavaca	ALI	E	COL	-
<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégano	MED/ALI	E	CUL	0,75
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Hortelã	MED/ALI	E	CUL/COM	1
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo (folha felpuda)	MED/ALI	E	CUL/COM	0,75
<i>Plectranthus scutellarioides</i> (L.) R.Br.	Arnica (coração magoado)	MED	E	CUL/COM	1
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	MED/ALI	E	CUL/COM	0,25
LAURACEAE <i>Cinnamomum camphora</i> (L.) J. Presl.	Cânfora	MED	E	COM	0,5
<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro	MED	E	CUL/COM	1
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacateiro	MED	EN	COL	2
LEGUMINOSAE <i>Cassia leptophylla</i> Vogel	Barbatimão	MED	N	COL	0,5
<i>Desmodium incanum</i> DC.	Carrapichinho	MED	EN	COL	0,75
<i>Erythrina speciosa</i> Andrews	Mulungu	MED	N	COL	0,75
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	Sucupira	MED	N	COM/COL	1,75

Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores da Prainha Branca (N= 94). Sendo: nativas=N exóticas=E exótica naturalizada=EN; categoria de uso= (medicinal=MED; alimento=ALI; artesanato= ART; religioso=REL; construção=CON) e aquisição= (cultivada=CUL; coletada=COL; comprada=COM); IR = Importância Relativa. Valores acima de 1 estão destacados em negrito.

(Continua)

TÁXON	NOME LOCAL	USO	Nativa/ Exótica	Aquisição	IR
LORANTHACEAE <i>Struthanthus</i> sp.	Erva de passarinho	MED	N	COL	0,75
LYTHRACEAE <i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F.Macbr.	Sete sangrias	MED	E	CUL/COL	1,5
MALVACEAE <i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Hibisco	MED	E	CUL/COL	2
<i>Malva sylvestris</i> L.	Malva	MED	E	CUL/COL	0,5
MELASTOMATACEAE <i>Tibouchina heteromalla</i> (D. Don) Cogn.	Orelha de onça	MED	N	COL	0,5
MORACEAE <i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaqueira	MED/ALI	EN	COL	1
<i>Morus nigra</i> L.	Amora	MED	E	CUL/COL	0,75
MUSACEAE <i>Musa</i> spp.	Bananeira	MED	EC	COL	1,5
MYRTACEAE <i>Eucalyptus</i> spp.	Eucalipto	MED	E	COM	0,75
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitangueira	MED	N	CUL/COL	1,25
<i>Myrcia ilheosensis</i> Kiaersk.	Papagoela	MED	N	CUL	0,5
<i>Plinia edulis</i> (Vell.) Sobral	Cambucá	MED	N	COL	0,5
<i>Psidium cattleianum</i> Afzel. ex Sabine	Araçá	MED	N	COL	1
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	MED	EN	COL	0,5
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Jambolão	MED	EN	COL	0,5
NYCTAGINACEAE <i>Mirabilis jalapa</i>	Maravilha	MED	EN	CUL/COL	0,75

Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores da Prainha Branca (N= 94). Sendo: nativas=N exóticas=E exótica naturalizada=EN; categoria de uso= (medicinal=MED; alimento=ALI; artesanato= ART; religioso=REL; construção=CON) e aquisição= (cultivada=CUL; coletada=COL; comprada=COM); IR = Importância Relativa. Valores acima de 1 estão destacados em negrito.

(Continua)

TÁXON	NOME LOCAL	USO	Nativa/ Exótica	Aquisição	IR
ORCHIDACEAE <i>Epidendrum fulgens</i> Brongn.	Orquídea Amarela	MED	N	COL	1
PHYLLANTHACEAE <i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	MED	N	CUL/COM	0,5
PHYTOLACCACEAE <i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	REL	EN	COL	-
PIPERACEAE <i>Piper umbellatum</i> L.	Pariparoba	MED	N	CUL/COL	1,25
PLANTAGINACEAE <i>Plantago major</i> L.	Tançagem	MED	EN	CUL/COL	1,5
POACEAE <i>Bambusa vulgaris</i> Schrad. ex J.C.Wendl.	Bambu	ART/CON	N	COL	-
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-santo Capim-cidrão	MED	EN	CUL	0,75
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	MED	E	CUL	0,25
<i>Zea mays</i> L.	Milho	MED	E	CUL	0,5
POLYGALACEAE <i>Polygala cyparissias</i> A.St.-Hil. & Moq	Gelol	MED	N	COL	1
POLYGONACEAE <i>Rumex acetosa</i> L.	Azedinha	MED	E	COL	0,5
PTERIDACEAE <i>Adiantum</i> sp.	Avenca	MED	N	COL	1
RUBIACEAE <i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc..	Erva-cruz	MED	N	COL	0,5
RUTACEAE <i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Limoeiro Limoeiro rosa	MED	EN	CUL/COL	0,5
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranjeira	MED	EN	CUL/COL	0,75
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tangerina	MED	EN	COL	0,5
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	REL	E	CUL	-

Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores da Prainha Branca (N= 94). Sendo: nativas=N exóticas=E exótica naturalizada=EN; categoria de uso= (medicinal=MED; alimento=ALI; artesanato= ART; religioso=REL; construção=CON) e aquisição= (cultivada=CUL; coletada=COL; comprada=COM); IR = Importância Relativa. Valores acima de 1 estão destacados em negrito.

(Continua)

TÁXON	NOME LOCAL	USO	Nativa/ Exótica	Aquisição	IR
SALICACEAE <i>Casearia sylvestris</i> Sw	Varre-forno	MED	N	COL	0,75
SOLANACEAE <i>Solanum tuberosum</i> L.	Batateiro	MED	E	COL	0,25
URTICACEAE <i>Cecropia</i> cf. <i>pachystachya</i> Trécul	Embaúba	MED	N	COL	0,75
<i>Boehmeria caudata</i> Sw.	Urtiga branca	MED	N	CUL/COL	0,5
VERBENACEAE <i>Stachytarpheta</i> <i>cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Gervão	MED	N	CUL/COL	0,75
ZINGIBERACEAE <i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burt & R.M.Sm.	Turbância	MED	N	COL	0,5
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	MED	E	CUL/COM	1

As famílias menos citadas (apenas uma espécie cada) foram: Acanthaceae, Adoxaceae, Alismataceae, Annonaceae, Araceae, Aristolochiaceae, Asphodelaceae, Bignoniaceae, Bixaceae, Boraginaceae, Cactaceae, Clusiaceae, Crassulaceae, Dioscoreaceae, Euphorbiaceae, Melastomataceae, Musaceae, Nyctaginaceae, Oliaceae, Phyllanthaceae, Phytolaccaceae, Piperaceae, Plantaginaceae, Polygalaceae, Polygonaceae, Pteridaceae, Rubiaceae, Salicaceae, Solanaceae e Verbenaceae.

Dentre as plantas mais citadas pelos moradores estão a caninha-do-brejo (*Costus spiralis* (Jacq.) Roscoe) e a Pitangueira (*Eugenia uniflora* L.). A primeira é usada como chá e xarope para infecções no fígado e rins, e diabetes. Já a pitangueira é usada em forma de chá para combater e prevenir febre, gripe e diarreia.

A presença de homonímias, mesmo nome popular para diferentes espécies,

não ocorreu. Já o relato de dois nomes populares para uma mesma espécie ocorreu para quatro espécies: *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (capim-santo e capim-cidrao); *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants (erva-de-santa-Maria e mastruz), *Melissa officinalis* L. (erva-cidreira e melissa), e *Mentha pulegium* L. (hortelãzinho e poejo).

Os chás, citados por todos os entrevistados e a garrafada citada por 18 participantes (62%) são as formas de preparo mais populares e foram indicados para uma vasta gama de curas e prevenções como, por exemplo, tosse, gripe, sífilis, diarreia, problemas de fígado, intestino e coração. Também são citados como reguladores da menstruação, calmante, diurético, para eliminar vermes, cólicas e dores em geral, e controle da hipertensão, do colesterol, e da prisão de ventre.

As principais formas de preparo dos chás são a infusão, a decocção e a maceração. A infusão, forma de uso mais comum e citada por todos os informantes, consiste em derramar água previamente fervida na planta. Esta mistura é abafada por alguns minutos e pode ser consumida em seguida. A decocção é feita com a colocação da planta em uma vasilha com água fria inicialmente e fervida em seguida. Já a maceração é feita com o amassamento da planta em água fria, ficando esta mistura em descanso por algumas horas antes do uso (MORGAN, 2003). Como exemplos de chás utilizados pelos informantes do trabalho temos o de folhas de abacateiro (bronquite e pedra nos rins), erva-de-santa-maria (vermes e infecções estomacais) e hibisco (hipertensão, gripe e como diurético).

Com relação às garrafadas, de acordo com os informantes da Prainha Branca que as utilizam, seguem receitas tradicionalmente utilizadas por seus antepassados e são consumidas cotidianamente predominantemente como forma de prevenção. O veículo solvente mais utilizado é a água e, em geral, são feitas com três ou mais espécies diferentes. Duas mais citadas foram a garrafada para prevenir vermes (folhas de babosa, erva-de-santa-maria, limoeiro e hortelã), para os efeitos da menopausa (folhas de pariparoba, melissa, hortelã e erva-cidreira) e para hemorróidas (folhas de erva-de-santa-maria, eucalipto e erva-cidreira).

Além do preparo com água, existem outras formas de preparo de garrafadas, mas não forma mencionadas pelos entrevistados:

Preparada sob receita de curandeiros e raizeiros, consiste na mistura de elementos vegetais, animais e minerais, com poder curativo, tendo como

veículo água, vinho ou cachaça. As plantas são usadas em maior proporção que os elementos minerais e animais, sendo aproveitados seus frutos, folhas, cascas, raízes e flores, verdes ou secos. No preparo das garrafadas à base de água, esta é fervida com as ervas; quando preparada com a cachaça, toda a composição fica algum tempo em infusão; no vinho, também é posta em infusão, havendo os que deixam a composição enterrada na lama, por alguns dias, por considerarem a temperatura mais adequada. (NOGUEIRA, 2005)

Quanto aos demais usos, menos citados, se destacam a utilização das plantas como alimentos (coentro, salsinha, hortelã e boldo) e para artesanato/construção, com o bambu. Além disso, foram mencionadas três plantas presentes em ritos religiosos (abre-caminho, guiné e arruda).

O uso de grande parte das plantas (97%) medicinais é facilitado por sua forma de aquisição, que ou é por meio de cultivo ou de coleta. A maioria é cultivada pela comunidade em seus quintais que, em muitos casos, se misturam com a mata (Figura 8).



Figura 8: Quintal típico da comunidade com plantas cultivadas e a mata ao redor das casas.

Mesmo no caso das plantas que são coletadas fora dos quintais, há certa facilidade pelo fato de a comunidade estar cercada pela vegetação da Mata Atlântica que faz divisa com a maioria dos terrenos dos moradores e se encontra bem preservada na trilha de acesso por onde todos passam para ir e voltar da cidade (Figura 9).

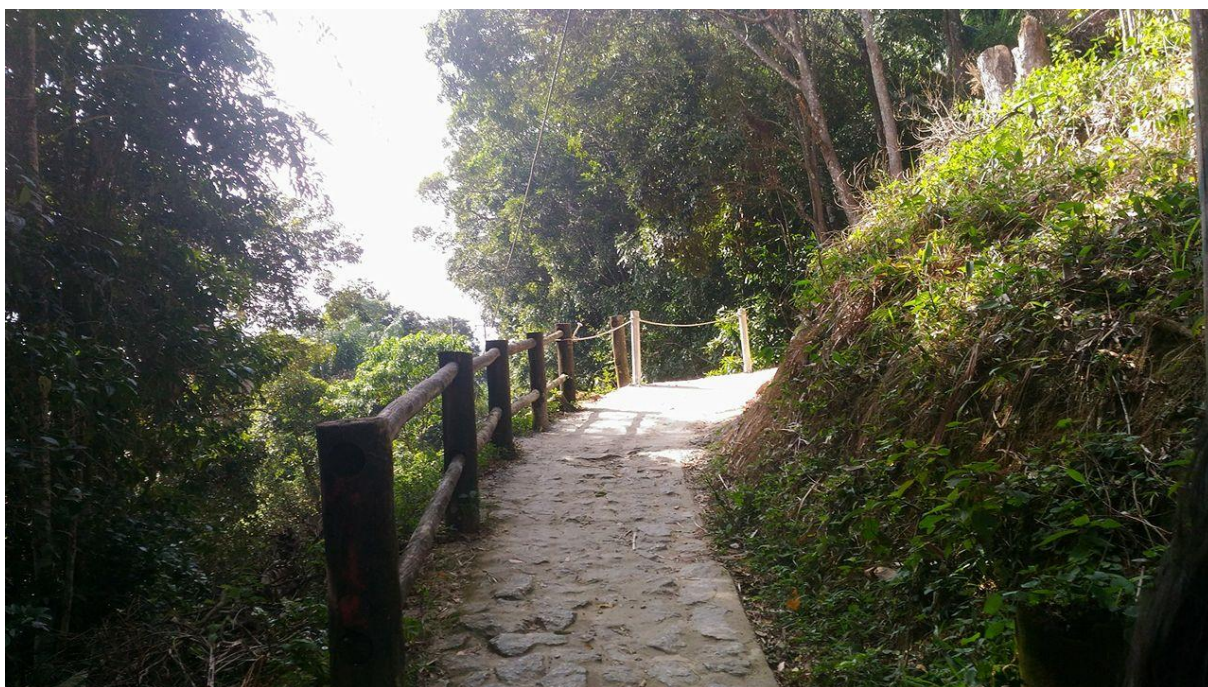


Figura 9: trilha estreita de acesso à Prainha Branca cercada pela Mata Atlântica

Somente três das 96 espécies citadas foram ditas como adquiridas exclusivamente no mercado (compradas): camomila, cânfora e eucalipto, todas utilizadas para fins medicinais.

Apesar da localização da Vila, em domínios da Mata Atlântica, a maioria das espécies utilizadas pela comunidade é exótica (60%) havendo, no entanto, grande número de espécies nativas citadas (40%), representando a maioria entre as que obtiveram IR acima de 1. A maior representação das plantas nativas entre as que apresentaram IR mais elevado mostra, de acordo com a metodologia (BENNETT e PRANCE, 2000), que tais espécies são as mais lembradas e utilizadas pelos informantes bem como possuem maior versatilidade no tratamento de doenças. Na tabela 3 são listadas as 14 plantas com Índice de Importância maiores que 1,0, e suas respectivas indicações de uso pelos moradores da Prainha Branca.

Tabela 3: Listagem de indicações medicinais de espécies citadas pelos entrevistados da Prainha Branca, Guarujá (SP) com IR (Importância Relativa) maior do que 1.

Nome local	Espécie	Citações n=29	Modo de uso	Indicações	IR
abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	12	chá, pomada	bronquite, pedra nos rins, ferimentos	2
erva-de-santa-maria	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	14	chá, suco, emplastro	infecções estomacais, verme, ferimentos, tosse	2
Hibisco	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i>	10	chá, emplastro	diurético, hipertensão, gripe, queimadura	2
sucupira	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	6	óleo	bronquite, garganta, artrite, reumatismo	1,75
Aroeira-vermelha	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	6	chá, banho	infecções, ferimentos, cólica menstrual	1,5
bananeira	<i>Musa</i> sp.	4	xarope, emplastro	bronquite, diarreia, cicatrizante	1,5
mulungu	<i>Erythrina speciosa</i> Andrews	1	chá	câncer, bronquite, hipertensão	1,5
Sete-sangrias	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F.Macbr.	8	chá	má circulação, desinteria, infecção renal	1,5
tançagem	<i>Plantago major</i> L.	4	chá, emplastro	infecções renais, febre, ferimentos	1,5
caninha-do-brejo	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	18	chá, xarope	infecções hepáticas e renais, diabetes	1,25
Fortuna	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	12	chá, emplastro	expectorante, diurético, infecções da pele, ferimentos	1,25
Melissa	<i>Melissa officinalis</i> L.	8	chá	calmante, digestão, dor de cabeça	1,25
pariparoba	<i>Piper umbellatum</i> L.	8	chá	Infecções hepáticas e estomacais	1,25
pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i> L.	22	chá	febre, gripe, diarreia	1,25

Nos relatos e entrevistas com os moradores, assim como nas observações de campo foi verificado que muitos moradores habitualmente plantam espécies exóticas em meio à vegetação de restinga e não somente em seus quintais.

Trabalhos na área da etnobotânica em outras localidades do Brasil, com predominância do bioma Mata Atlântica, demonstram a importância do conhecimento

tradicional para as comunidades caiçaras. A Tabela 4 mostra a comparação dos resultados obtidos neste estudo com os de outros autores.

Tabela 4: Comparação com alguns trabalhos etnobotânicos realizados em regiões costeiras de diferentes estados brasileiros, cinco deles também utilizando o Índice de Shannon adaptado por Begossi (1996).

Local	Entrevistados	Nº de espécies	H' base 10	Autores
Silva Jardim - RJ	19	210	2,20	CHRISTO et al. (2006)
Naufragados - SC	12	93	1,90	MIRANDA e HANAZAKI (2008)
Pereirinha e Itacuruçá (Iha do Cardoso) - SP	20	124	2,04	MIRANDA e HANAZAKI (2008)
Foles e Cambriú-SP (Iha do Cardoso) – SP)	31	86	1,83	MIRANDA e HANAZAKI, (2008)
Paraty - RJ	10	76	1,81	BORGES e PEIXOTO, (2009)
Florianópolis - SC	13	114	-	GIRALDI e HANAZAKI, (2010)
Reserva de Lami – RS	15	111	-	BAPTISTA et al. (2013)
Garopaba - SC	184	322	-	ÁVILA et al. (2015)
Mata do Buraquinho - PB	43	63	-	ALVES et al. (2017)
Prainha Branca - SP	29	96	1,83	Presente estudo

4. DISCUSSÃO

Os resultados desse estudo mostram que há conhecimento sobre o uso dos recursos vegetais por parte da comunidade caiçara estudada, corroborando com a afirmação de que as comunidades que vivem em locais com predominância da Mata Atlântica possuem um grande conhecimento tradicional sobre o uso de plantas. Mesmo com os relatos feitos pelos entrevistados, de que houve recente diminuição das atividades econômicas caiçaras, em especial a pesca, e consequente necessidade de busca de outras fontes de renda, o elenco de plantas indicadas pelos moradores da Prainha Branca foi mais numeroso do que em quatro outras comunidades tradicionais costeiras (MIRANDA e HANAZAKI, 2008; BORGES e PEIXOTO, 2009; ALVES et al., 2017), embora o índice H' tenha superado apenas o encontrado em Paraty (BORGES e PEIXOTO, 2009).

As famílias botânicas com maior riqueza de espécies (Asteraceae, Lamiaceae e Myrtaceae) também predominam em estudos anteriores com comunidades localizadas nos domínios de Mata Atlântica (CHRISTO et al., 2006; MIRANDA e HANAZAKI, 2007; BAPTISTA et al., 2013). Esta coincidência pode indicar uma similaridade na diversidade e abundância das localidades destas pesquisas. A família Myrtaceae, isoladamente, foi também a mais encontrada em trabalho na Mata do Buraquinho, Estado da Paraíba (ALVES et al., 2017) e na Floresta Nacional de Ibirama, em Santa Catarina (PODEROSO et al., 2012).

No trabalho de Miranda e Hanazaki (2008) sobre o conhecimento de uso de plantas feito Ilha do Cardoso, foram entrevistadas duas comunidades (Pereirinha e Itacuruçá, com 20 entrevistados citando 124 espécies e Foles e Cambriú, com 31 pessoas mencionando 86 plantas), para comparação com os resultados obtidos junto à comunidade Naufragados, em Florianópolis-SC (13 pessoas, com 114 espécies citadas). A Ilha do Cardoso é um Parque Estadual localizado a 67 km do município paulista de Cananéia, e nela residem apenas moradores de alguma forma ligados à conservação do Parque. Como registraram os autores, Naufragados é uma comunidade formada por pescadores posseiros, que apresenta interface com a vegetação de restinga e tem algum isolamento dos centros urbanos, além de se sobrepor com uma unidade de conservação estadual (Parque Estadual da Serra do Tabuleiro).

Na comunidade caiçara isolada de Martim de Sá (RJ), onde não há luz elétrica,

escolas ou igrejas, Borges e Peixoto (2009) listaram 76 espécies plantas, a maioria nativa, coletada na mata e obtiveram índice de Shannon de 1,81. A relação entre o número de informantes e a quantidade de espécies citadas indica um bom conhecimento sobre o uso das plantas, especialmente das nativas. Giraldi e Hanazaki (2010), em seu trabalho na comunidade agrícola de Sertão do Ribeirão, na cidade de Florianópolis-SC, também obtiveram um número de citação de espécies próximo ao do presente estudo (114), embora apenas 13 pessoas tenham sido envolvidas na pesquisa. Considerando que a quantidade de entrevistados pelos autores citados acima foi menor do que o número de pessoas participantes deste trabalho, pode-se inferir que a maior quantidade relativa de espécies e de usos listados nessas comunidades se deve ao maior distanciamento dos grandes centros urbanos, em comparação com a Prainha Branca.

Outras pesquisas desenvolvidas nas proximidades de cidades populosas apresentaram resultados similares quanto à relação entre quantidade de espécies e entrevistados. Alves et al. (2017) entrevistou 43 moradores da população tradicional da Mata do Buraquinho (PB) e encontrou 63 espécies botânicas. Já Ávila et al. (2015) levantou 322 espécies com um número elevado de entrevistados (184) em três comunidades de pescadores das cercanias de Garopaba (SC). Na Reserva de Lami (RS), próxima ao município de Porto Alegre, foram listadas 111 espécies por 15 informantes (BAPTISTA et al., 2013). Neste último local havia uma farmácia comunitária de plantas medicinais, que serve aos moradores e faz parte de seu cotidiano, o que talvez tenha influenciado positivamente no elenco de plantas pelos entrevistados, mesmo estando tão próximos das facilidades de um grande centro urbano.

Por outro lado, na comunidade pesquisada por Christo et al. (2006) na Reserva Biológica de Poço das Antas, em Silva-Jardim (RJ), foi citado um número maior de plantas (210), resultando em índice de Shannon de 2,20. As comunidades que lá residem são antigos trabalhadores de fazendas locais (ou seus descendentes) e outros que migraram de áreas canavieiras; todos subsistem de agricultura, o que torna compreensível a diferença no nível de conhecimento sobre uso de plantas.

O índice de Shannon do presente estudo, 1,83, reforça a hipótese de que a comunidade da Prainha Branca detém um bom conhecimento sobre o uso de plantas uma vez que, em alguns dos estudos citados nos parágrafos anteriores, com populações tradicionais próximas a centros urbanos (Foles e Cambriú na Ilha do

Cardoso-SP e Paraty – RJ), foram encontrados valores de índice de Shannon iguais ou menores ao valor calculado no presente trabalho (MIRANDA e HANAZAKI, 2008; BORGES e PEIXOTO, 2009). Já quando comparado com os índices de comunidades mais isoladas (como Pereirinha e Itacuruçá, na Ilha do Cardoso-SP e Silva Jardim-RJ), verifica-se diversidade maior (CHRISTO et al., 2006; MIRANDA e HANAZAKI, 2008).

Assim, é possível inferir que um dos fatores possivelmente relacionados ao conhecimento sobre uso da vegetação é o distanciamento da comunidade em relação aos grandes centros urbanos: segundo os resultados dos trabalhos citados acima, a proximidade da comunidade com as grandes cidades é inversamente proporcional ao número de plantas citadas. Todavia, o conhecimento e uso de plantas nos centros urbanos tem tido crescente interesse da comunidade acadêmica em estudos voltados para a conservação de espécies, nativas e exóticas, em quintais e hortas (EICHEMBERG, 2009; LIPORACCI et al., 2015), o que demonstra haver saberes sobre os recursos vegetais e sua utilização mesmo em populações urbanas. Casos como o da comunidade de pescadores artesanais existente nos entornos da Reserva de Lami (BAPTISTA et al. 2013) são fontes ricas de etnoconhecimento e ferramentas de resiliência das culturas que possuem como característica a relação entre o homem e a natureza.

Um exemplo da manutenção do conhecimento por populações que deixam seu local de origem pode ser visto no trabalho de Vandebroek e Balick (2012), que desenvolveram um trabalho inovador com população de nacionalidade dominicana, dividida em dois grupos: o dos que permanecem em seu local de origem e outro de indivíduos que migraram para Nova Iorque, nos Estados Unidos. A pesquisa na área de etnobotânica urbana verificou a hipótese de perda do conhecimento sobre os recursos vegetais devido à mudança para grandes cidades. Para surpresa dos autores, os dominicanos que migraram para Nova Iorque apresentaram um elenco de plantas úteis maior do que os que permaneceram na República Dominicana. O acréscimo se deu quando consideradas as plantas utilizadas cotidianamente na alimentação saudável, o que compensou uma leve perda de conhecimento sobre plantas utilizadas exclusivamente como remédios. Este estudo mostrou o quanto são dinâmicos o conhecimento e o uso de plantas pelas populações, e indicou que ações educacionais e de mídia para integração cultural podem potencializar estes hábitos, mesmo sob as pressões da urbanização. Além disso, o trabalho com os imigrantes

latinos apresentou uma média de 13,7 plantas úteis citadas por pessoa, maior do que a média dos informantes que não imigraram.

A etnobotânica urbana pode vir a ser ferramenta útil em trabalhos futuros com a comunidade da Prainha Branca, uma vez que cada vez mais seus moradores entram em contato com a vida urbana por estarem situados em um município populoso, e também com outras culturas, no atendimento aos turistas que cada vez mais frequentam o local.

Outro fator relevante a ser considerado é a proporção entre espécies nativas e exóticas citadas no trabalho. A quantidade maior de espécies exóticas (60%) encontradas na Prainha Branca pode estar vinculada a forma de obtenção das plantas, pois o cultivo em quintais e jardins, mesmo que próximos à mata, tende a aumentar o número de espécies não nativas encontradas (DORIGONI et al., 2001, FLORENTINO et al, 2007). A predominância de plantas cultivadas também foi encontrada nas populações de Garopaba (ÁVILA et al, 2015) e da Reserva de Lami (BAPTISTA et al., 2013). A preferência pelo cultivo em detrimento da coleta diretamente na natureza está relacionada à facilidade e, também, à proibição de extração de recursos vegetais em reservas como a de Lami, no Estado do Rio Grande do Sul. O mesmo ocorre na Floresta Nacional de Ibirama (PODEROSO et al, 2012).

Quando são observados os índices de plantas úteis adquiridas por compra em mercados, farmácias e feiras na Prainha Branca, é possível notar a congruência com a afirmação de outros autores, que perceberam que, mesmo nas comunidades tradicionais próximas às facilidades das cidades, é possível notar que tal forma de aquisição é pouco utilizada (BORGES e PEIXOTO, 2009; BAPTISTA et al., 2013; ÁVILA et al, 2015).

Os resultados destacaram o uso de plantas para fins medicinais, com as folhas sendo a forma predominante de utilização das plantas úteis, cuja principal maneira de extração das propriedades foi pelo preparo de chá, corroborado a afirmação de Medeiros et al. (2013), de que as folhas são a parte das plantas mais utilizada no Brasil, em especial as empregadas na medicina popular. Messias et al. (2015) afirmam que a adoção das folhas como uso principal pelas comunidades revela uma prática de manejo sustentável da flora, pois causa poucos impactos na abundância e diversidade das espécies locais.

A predominância de uso de plantas para fins medicinais e terapêuticos também foi descrita por Christo et al. (2006), que mencionou como principais formas de preparo

a decocção e a infusão das folhas, resultando em um chá. Borges e Peixoto (2009) confirmaram que essa é a principal forma de preparar os recursos vegetais para fins medicinais em outra comunidade imbricada na Mata Atlântica, na cidade de Paraty, no Rio de Janeiro. Os chás também são a forma mais comum de extração e uso das propriedades dos vegetais nas comunidades de pescadores de Garopaba, em Santa Catarina e dos moradores do entorno da Reserva de Lami, no Rio Grande do Sul (BAPTISTA et al., 2013; ÁVILA et al., 2015).

Os trabalhos de Miranda e Hanazaki (2008) e Giraldi e Hanazaki (2010) também indicaram a prevalência do uso medicinal das plantas, se destacando a folha como principal parte utilizada pelos entrevistados. Em pesquisa realizada na cidade de Guarujá, em uma comunidade de origem caiçara, Guimarães (2008) desvela sobre a marcante importância do uso de plantas para fins medicinais e terapêuticos para esta população, principalmente devido ao fácil acesso e baixo custo dos fitoterápicos (BRASIL, 2009). Uma ampla revisão bibliográfica desenvolvida recentemente na área de etnobotânica (LIPORACCI et al., 2015) também destaca a prevalência do uso medicinal das plantas.

O presente estudo reafirma o maior uso das plantas para fins medicinais. Estas costumam crescer mais facilmente em quintais, jardins e vasos, enquanto recursos vegetais para alimentação e construção ou são encontrados na mata ou necessitam de áreas mais amplas de cultivo, em geral não tão próximas às residências (VOEKS, 2007). Para o levantamento das mais significativas, foi importante utilizar o índice de Importância Relativa (IR) , que considera não apenas a quantidade de citações de cada espécie, mas também sua versatilidade quanto ao número de propriedades medicinais e sistemas corporais tratados por ela (BENNETT e PRANCE, 2000). Assim, foi possível notar, por exemplo, que a planta mais citada no presente trabalho (*Eugenia uniflora*) apresentou IR menor do que o de outras plantas menos citadas, pelo fato de ser menos versátil no tratamento de doenças. A espécie nativa com maior IR (*Dysphania ambrosioides*) foi a mais encontrada dentre 90 trabalhos analisados em revisão bibliográfica com trabalhos etnobotânicos no Brasil (LIPORACCI et al., 2015), possui princípio ativo utilizado como vermífugo (LORENZI e MATTOS, 2002) e é utilizada internamente (chá), para curar infecções estomacais e verme, e de forma tópica para ferimentos (emplastro).

No Prainha Branca houve homogeneidade entre os gêneros quanto ao conhecimento e uso dos recursos vegetais corroborando com trabalhos anteriores que

detalham este equilíbrio entre os gêneros destacando que, em geral, há maior conhecimento por parte dos homens sobre espécies nativas, por serem responsáveis pelas atividades voltadas ao manejo da floresta, e das mulheres acerca de espécies exóticas, por serem responsáveis em cuidar das hortas e quintais (SOUZA et al., 2003; PINTO et al., 2006; LIMA et al., 2012). O menor número de entrevistados do gênero masculino (8) em relação ao feminino (21) pode ser um indicativo da redução do convívio e do manejo da flora nativa pela população da Prainha Branca, considerando que os informantes foram indicados pela própria comunidade no método Bola de Neve (BAILEY, 1982); ao mesmo tempo, pode ser uma explicação para a alta proporção de plantas para uso medicinal encontradas neste trabalho.

Voeks (2007) desenvolveu um trabalho na Chapada Diamantina, no estado da Bahia com a hipótese de que as mulheres reservam maior conhecimento sobre plantas medicinais do que os homens. Os resultados deste autor mostraram que o gênero feminino possui conhecimento similar ao do gênero masculino quando se consideram todas as utilidades das plantas mas, quando consideradas apenas as espécies com finalidade medicinal, as mulheres demonstram saber e utilizar mais do que os homens. Poderoso et al. (2012) relatam que o conhecimento sobre uso de plantas como remédios é transmitido verticalmente por mães e avós corroborando também o trabalho de Giraldi e Hanazaki (2010).

Com relação a faixa etária dos entrevistados, nos trabalhos que também utilizaram o método Bola de Neve (CHRISTO et al., 2006; BORGES e PEIXOTO, 2009) houve grande amplitude de faixa etária entre o entrevistado mais jovem e o entrevistado mais idoso, assim como na Prainha Branca, onde o entrevistado mais novo possuía 35 anos e o mais velho 88 anos.

A ausência de indicação de pessoas entre 18 e 30 anos, aliada à predominância de entrevistados nas faixas etárias acima de 51 anos de idade durante as pesquisas corroborou a afirmação de Hanazaki et al. (2000) de que, em geral, os mais velhos têm maior conhecimento sobre a utilização das plantas. Também é possível inferir, com base nas indicações, que a própria comunidade reconhece os mais antigos como maiores detentores do conhecimento sobre o uso dos recursos vegetais. Isso pode estar relacionado ao tempo de moradia e ao modo de vida do passado, mais ligado ao convívio direto com a natureza e a consequente exploração de seus recursos. Com populações em condições similares, próximas à centros urbanos, também foi destacada a elevada média de idade dentre os informantes

(BAPTISTA et al., 2013; ALVES et al., 2017).

Em estudo etnobotânico em duas comunidades tradicionais de Santa Catarina, Poderoso et al. (2012) dividiram os informantes em dois grupos, um com menos de 40 anos de idade e outro mais velho, e encontrou uma média de plantas citadas significativamente superior no grupo de maior faixa etária, também indicando que há a tendência de o conhecimento etnobotânico acumulado ser diretamente proporcional à idade dos indivíduos.

Além disso, foi constatado que a principal forma de transmissão do conhecimento é a verbal e, em sua maioria (62% dos casos), e se deu de forma vertical. Quando a transmissão foi feita de forma horizontal, isso ocorreu por meio de informações adquiridas na própria comunidade, o que coaduna com o reconhecimento desta população como comunidade tradicional caiçara e que conserva os hábitos e a cultura típicos de seus antepassados. Para Ramires et al. (2007) “mesmo desenvolvendo outras atividades, as comunidades caiçaras ainda mantêm um relacionamento complexo com o ambiente natural, que não é marcado somente por instâncias econômicas”.

Conforme relatado pelos entrevistados, os jovens possuem maior contato com o meio urbano por terem que sair da comunidade diariamente para cursar o ensino médio em escolas da cidade de Guarujá ou de Bertioga. Este fato pode representar um risco à transmissão, quase que exclusivamente familiar, do conhecimento sobre o uso de plantas na comunidade, o que demonstra a importância do presente trabalho para a conservação do etnoconhecimento, e para futuras ações e políticas públicas de educação socioambiental a serem implantadas na Prainha Branca.

Quando pensamos na questão da sustentabilidade e na relação entre a comunidade caiçara e a Mata Atlântica, é importante buscar maneiras de viabilizar a manutenção dos hábitos da cultura local sem que haja degradação do ambiente natural. Os moradores da Prainha Branca, 95% dos quais são descendentes dos primeiros habitantes do local (TURATTI, 2012), reconhecem que esta necessidade e se mostram receptivos a auxílios externos que tragam informação e tecnologia voltados para a conservação e utilização sustentável do etnoconhecimento que possuem. Isso se deve, segundo os relatos, a vontade desta população em adequar as novas atividades econômicas, mais voltadas para o comércio e menos ligadas com o meio ambiente, de forma a conservar a natureza do local onde vivem.

O estudo da relação e usos da vegetação por populações humanas que

habitam áreas naturais é relevante no fornecimento de dados que subsidiem as decisões de todas as esferas governamentais e também de entidades privadas que buscam preservar as riquezas natural e cultural (HANAZAKI, 2004), como é o caso da comunidade caiçara da Prainha Branca, imbricada em uma área remanescente de Mata Atlântica e que ainda sustenta os hábitos e a cultura caiçara (FESTOZO e REIS, 2013). Além das ações de resgate e fortalecimento da cultura e dos hábitos tradicionais é possível detectar recursos sobreutilizados em determinadas áreas a fim de criar programas de orientação ao manejo de conservação e reposição da flora nativa (CELENTANO et al, 2014).

Os resultados aqui expostos responderam positivamente à hipótese de existência de marcante relação homem-natureza no local e indicam a necessidade de novas pesquisas que objetivem fundamentar ações de enfrentamento aos fatores que pressionam a conservação da cultura caiçara e do bioma da Mata Atlântica na Prainha Branca, como trabalhos de educação socioambiental para que a população local harmonize suas práticas de cultivo, extrativismo e, também, as atividades voltadas para o turismo, com as características ecológicas da flora nativa.

5. CONCLUSÃO

Os resultados mostraram que a comunidade da Prainha Branca possui conhecimento sobre a flora e utiliza cotidianamente os recursos vegetais, haja vista o número de espécies citadas (96), indicadas para os mais diversos fins, como alimentício, religioso e medicinal, este último predominante.

Foi constatado o maior de uso de plantas exóticas. No entanto, as espécies citadas como mais utilizadas são nativas: *Eugenia uniflora*, *Costus spiralis* e *Dysphania ambrosioides*.

A relação entre o número de entrevistados e o de espécies citadas resultou em um índice de diversidade de Shannon de $H' = 1,83$. A comparação entre esse índice e os obtidos em pesquisas similares com comunidades caiçaras, mostrou que a população da Prainha Branca mantém conhecimento relevante sobre a utilidade das plantas e o utiliza em seu cotidiano.

Entre as plantas citadas para uso medicinal, as seguintes espécies se destacaram, com Índice de Importância Relativa (IR) igual ou acima de 1,5: *Persea americana* (2), *Dysphania ambrosioides* (2), *Hibiscus rosa-sinensis* (2), *Pterodon emarginatus* (1,75), *Schinus terebinthifolia* (1,75), *Musa* sp. (1,5), *Erythrina speciosa* (1,5), *Cuphea carthagenensis* (1,5) e *Plantago major* (1,5). A predominância de uso de folhas em forma de chá também corroborou resultados obtidos por outros autores, sendo o chá a forma mais utilizada, por meio da infusão ou decocção das plantas.

Foi constatada uma homogeneidade quanto ao gênero e à idade dos moradores no entendimento sobre o uso das plantas. A indicação de maior número de informantes com idade acima de 50 anos demonstrou que os indivíduos mais velhos são reconhecidos pelos outros como mais conhecedores do uso da flora. No entanto, os entrevistados das demais faixas etárias demonstraram ter conhecimento semelhante, em geral adquirido com seus pais ou avós, ou seja, transmitidos de forma vertical.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, C. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Revista de Antropologia*, v. 43, n. 1, p. 145-182, 2000.
- ALBUQUERQUE, U. P.; PAIVA DE LUCENA, R. F.; CRUZ DA CUNHA, L.V.F. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife, NUPPEA, 2010.
- ALBUQUERQUE, U.P. Introdução à Etnobotânica. 2ª ed. Rio de Janeiro, Interciência, 2005.
- ALBUQUERQUE, U.P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. *Revista brasileira de farmacognosia*, v. 16, n. supl, p. 678-689, 2006.
- ALVES, R.R. et al. Perception and use of biodiversity in the vicinity of an urban conservation area, North eastern Brazil. 2017.
- AMOROZO, M.C.M.; REIS, M.S.; FERRI, P.H. A Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (Org.). Plantas medicinais: arte e ciência - um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p.47-68.
- ARRUDA, R. "Populações tradicionais" e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. *Ambiente & Sociedade*, Ano II, n. 5, 1999.
- AVILA, J.V.C. et al. The traditional knowledge of Quilombola about plants: does urbanization matter? *Ethnobotany Research and Applications*, v. 14, p. 453-462, 2015.
- BAILEY, K. D. Methods of social research. McMillan Publishers, The Free Press, New York, USA. 1982. 553pp.
- BAPTISTA, B.W.M.; VIEIRA, L.G.S. A cultura como ferramenta de manutenção das raízes caiçaras da Juréia. *Revista Observatório da Diversidade Cultural*, v. 1, n. 01, 2014.
- BAPTISTA, M.M. et al. Traditional botanical knowledge of artisanal fishers in southern Brazil. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, v. 9, n. 1, p. 54, 2013.
- BEGOSSI, A. Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente. *Interciência*, v. 18, n. 3, p. 121-132, 1993.
- BEGOSSI, A. Use of ecological methods in ethnobotany: diversity indices. *Economic botany*, v. 50, n. 3, p. 280-289, 1996.
- BEGOSSI, A. Cultural and ecological resilience among caiçaras of the Atlantic Forest coast and caboclos of the Amazon. Linking social and ecological systems for resilience

and sustainability. The Beijer International Institute of Ecological Economics, Stockholm, p. 129-157, 1998.

BEGOSSI, A. Resiliência e populações neotradicionais: Os caiçaras (Mata Atlântica) e os caboclos (Amazônia, Brasil). Pp. 205-236. In: DIEGUES, A.C.; Moreira, A. de C. C. Espaços e recursos de uso comum. São Paulo, Nupaub, USP, 2001.

BENNETT, B.C.; PRANCE, G.T. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. *Economic Botany*, v. 54, n. 1, p. 90-102, 2000.

BORGES, R.; PEIXOTO, A. L. Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 23, n. 3, p. 769-779, 2009.

BUCHAUL, Ricardo Borges. Histórico da Fitoterapia. *Cadernos de Fitoterapia Série* 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília, Ministério da Saúde, 2009.

BUZZULINI, L.B.; SUZUKI, J.C. Jovens Caiçaras: Dilemas na Construção de sua Identidade na Prainha Branca (Guarujá-SP). V Encontro de Grupos de Pesquisa "Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais". UFSM, 2009.

CELENTANO, D. et al. Perceptions of environmental change and use of traditional knowledge to plan riparian forest restoration with relocated communities in Alcântara, Eastern Amazon. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, v. 10, n. 1, p. 11, 2014.

CHRISTO, A.G.; GUEDES-BRUNI, R. R.; DA FONSECA-KRUEL, V.S. Uso de recursos vegetais em comunidades rurais limítrofes à Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro: estudo de caso na Gleba Aldeia Velha. *Rodriguesia*, p. 519-542, 2006.

CONDEPHAAT, Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico (São Paulo). Resolução nº 48, de 18 de dezembro de 1992. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 dezembro de 1992. Poder Executivo, seção I, p. 25-26.

DE OLIVEIRA, F. C. et al. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 23, p. 590-605, 2009;

DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S.V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília, NUPAUB/USP, 2001.

DORIGONI, P.A. et al. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS - Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.4, n.1, p.69-79, 2001.

EICHEMBERG, M.T; AMOROZO, M.C.M; MOURA, L.C. Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.23, n.4, p.1057-1057, 2009

FESTOZO, M.B.; REIS, M.F.C.T. A contribuição da história para Educação Ambiental em Comunidades. *REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 23, 2013.

FIDALGO, O.; BONONI, V.L.R. Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico. Instituto de Botânica. São Paulo, 1989.

FLORENTINO, A.T.N; ARAÚJO, E.L; ALBUQUERQUE, U.P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, município de Caruaru, PE, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.21,n.1,p.37-47, 2007.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. A Mata Atlântica. 2017. Disponível na Internet em: www.sosma.org.br/nossa-causa/a-mata-atlantica/. Acesso em: 15/07/2017.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 24, n. 2, p. 395-406, 2010.

GUARUJÁ (SP). Lei Complementar nº 156/2013. Que institui o Plano Diretor do município de Guarujá e dá outras providências. Guarujá, SP. 2013.

GUIMARÃES, A.R.S. Uso e significado de fitoterápicos em uma comunidade litorânea, Município de Guarujá, SP. Dissertação. UNISANTOS. Santos, 2008.

HANAZAKI, N. Etnobotânica. Pp. 37-57 In: Begossi, A. (Ed). *Ecologia Humana de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo, FAPESP/HUCITEC, 2004.

HANAZAKI, N. Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. *Biotemas*, v. 16, n. 1, p. 23-47, 2003.

HARSHBERGER, J.W. The purposes of ethnobotany. *American Antiquarian*, v. 17, 1896.

LEONELLI, P.F.A.; GALLO, G. N. Estudo de caso da ocupação desordenada em duas áreas da Baixada Santista e possíveis soluções de Conflitos Ambientais e Sociais. In *Congreso Iberoamericano de Gestión Integrada de Áreas Litorales I*, 2012. Cádiz, Espanha. *Libro de Comunicaciones Y Resúmenes*, Cádiz: Grupo de Investigación Gestión Integrada de Áreas Litorales, 2012 , p. 127-146.

LIMA, I.L.P; SCARIOT,A; MEDEIROS, M.B; SEVILHA, A.C. Diversidade e uso de plantas do Cerrado em comunidade de Geraizeiros no norte do Estado de Minas Gerais, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.26, n.3, p.675-684, 2012.

LIPORACCI, H.S.N. et al. Plantas Medicinais e Alimentícias na Mata Atlântica e Caatinga: Uma revisão bibliográfica de cunho etnobotânico. Dissertação. UFSC. 2015.

LIRA, W.S.; CÂNDIDO, G.A. Gestão sustentável dos recursos naturais: uma abordagem participativa. Campina Grande: SciELO-EDUEPB, 2013.

LORENZI, H.; MATTOS, F.J.A. Plantas Medicinais do Brasil: Nativas e Exóticas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. 512p.

MEDEIROS, P.M. et al. Patterns of medicinal plant use by inhabitants of Brazilian urban and rural areas: A macroscale investigation based on available literature. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 150, p. 729-746, 2013.

MARQUES, C.A. Importância econômica da família Lauraceae Lindl. *Floresta e Ambiente*, v. 8, n. 1, p. 195-206, 2001.

MELE, J.L. 2009. Projeto de Conservação e Segurança Ambiental da Serra do Guararu, Guarujá. 2009. Disponível em: <http://www.issa.net.br/upload/arquivofile/tipoarquivofile/9bf31c7ff062936a96d3c8bd1f8f2ff3.pdf>. Acesso em 20/11/2016.

MESSIAS, M.C.T.B et al. Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, p. 76-104, 2015.

MIRANDA, T.M.; HANAZAKI, N. Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. *Acta botanica brasílica*, v. 22, n. 1, p. 203-215, 2008.

MITTERMEIER, R.A. et al. HOTSPOTS: earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions. Conservation International, Sierra Madre and Agropalma, 1999.

MORGAN, R. Enciclopédia das ervas e plantas medicinais: doenças, aplicações, descrição, propriedades. Ryoki Inoue Produções, 2003.

MORO, M. F. et al. Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia. *Acta Botanica Brasilica*, v. 26, n. 4, p. 991-999, 2012.

NEGRAES, P. Fitoterapia - Uma História com Muito Sabor. *Jornal Amigos do Horto*, São Paulo, 2001.

NOGUEIRA, A.J. et al. Medicina popular. Prefeitura Municipal, Rio de Janeiro, 2005.

ODUM, E.P. Ecologia. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 1988.

PEREIRA, T.S. et al. Fenologia de espécies arbóreas em floresta Atlântica da Reserva Biológica de Poço das Antas, Rio de Janeiro, Brasil. *Lheringia. Série Botânica.*, v. 63, n. 2, p. 329-339, 2008.

PETROBRAS. Estudo Socioambiental Ponta da Armação, Guarujá/SP. Relatório Técnico Executivo – Diagnóstico Socioeconômico. v. único, 114p, 2012.

PINTO, J.E.B.P. et al. Plantas Medicinais. Lavras. PROEX/ UFLA, 2000.

PODEROSO, R.A. et al. How is local knowledge about plants distributed among residents near a protected area?. *Ethnobiology and Conservation*, v. 1, 2012.

PRANCE, G.T. Botânica econômica, uma ciência importante para a região amazônica. *Acta Botanica Brasilica*, v. 2, n. 1, p. 279-286, 1988.

RAMIRES, M.; MOLINA, S.M.G.; HANAZAKI, N. Etnoecologia caiçara: o conhecimento dos pescadores artesanais sobre aspectos ecológicos da pesca. *Biotemas*, v. 20, n. 1, p. 101-113, 2007.

REYES-GARCÍA, V. et al. Cultural transmission of ethnobotanical knowledge and skills: an empirical analysis from an Amerindian society. *Evolution and Human Behavior*, v. 30, n. 4, p. 274-285, 2009.

RIZZINI, C.T.; MORS, W.B. Botânica econômica brasileira. Editora Pedagógica e Universitária. 1976.

SANCHES, R.A. Caiçaras e a Estação Ecológica de Juréia-Itatins: Uma abordagem etnográfica e ecológica para o estudo da relação homem-meio ambiente. Dissertação. USP. São Paulo, 1997.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. Manguuezal: ecossistema entre a terra e o mar. São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995.

SIMÕES, C.M.O.; SCHENKEL, E.P. A pesquisa e a produção brasileira de medicamentos a partir de plantas medicinais: a necessária interação da indústria com a academia. *Revista brasileira de farmacognosia*, v. 12, n. 1, p. 35-40, 2002.

SOBRAL, M.; CALIARI, C.P.; GRESSLER, E.; MAZINE, F.F.; MAGENTA, M.; VIANA, P.L. Seven new southeastern Brazilian species of *Myrcia* (Myrtaceae). *Phytotaxa*, v. 247, n. 1, p. 27-44, 2016.

SOUZA, N.N. et al. Plantas Medicinais: Etnobotânica na Várzea do Mamirauá. Manaus. Ed. Rocha. 2003.

TABARELLI, M. et al. Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica brasileira. *Megadiversidade*, v. 1, n. 1, p. 132-138, 2005.

TURATTI, M.C.M. Estudo Socioambiental Ponta da Armação, Guarujá/SP - Laudo Antropológico. 399p, 2012.

VANDEBROEK, I.; BALICK, M.J. Globalization and loss of plant knowledge: challenging the paradigm. *PloS one*, v. 7, n. 5, p. e37643, 2012.

VARJABEDIAN, R. Atlantic Rainforest law: environmental regression. *Estudos Avançados*, v.24, p. 147-160, 2010.

VOEKS, R.A. Are women reservoirs of traditional plant knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in northeast Brazil. *Singapore Journal of Tropical Geography*, v. 28, n. 1, p. 7-20, 2007.

WHO LIBRARY CATALOGUING-IN-PUBLICATION DATA. International statistical classification of diseases and related health problems. - 10th revision, Fifth edition. 2016. 3 v. Disponível em: <http://apps.who.int/classifications/icd10/browse/2016/en>. Acesso em mai 2017.

Enotaxonomia e etnoecologia dos recursos vegetais				
Nome local das plantas conhecidas?	Uso (medicina, alimentação, outros)?	Nativa ou exótica?	Comércio?	Frequência de uso?

Plantas medicinais					
Nome local?	Parte utilizada?	Cultivada, coletada ou comprada?	Indicação medicinal (doença)?	Modo de preparo?	Administração (oral, chá, pomada, emplastro, etc.)

De onde adquiriu conhecimento sobre as plantas (transmissão cultural, vizinhos, etc.)?

Você pode indicar outro morador para participar da pesquisa? _____

ANEXO B

Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar como voluntário de uma pesquisa intitulada **“Usos e manejo da vegetação”**, proposta pela Universidade Santa Cecília que está descrita em detalhes abaixo. Esta pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNISANTA, de acordo com a exigência da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Para decidir se você deve concordar ou não em participar desta pesquisa, leia atentamente todos os itens a seguir que irão informá-lo e esclarecê-lo de todos os procedimentos, riscos e benefícios pelos quais você passará.

1. Identificação do(a)voluntário(a) da pesquisa:

Nome: _____ Gênero: _____
Identidade: _____ Órgão Expedidor: _____
Data de Nascimento: ____/____/____ Naturalidade: _____
Endereço: _____ Nº: _____ Compl: _____
CEP: _____ - _____ Cidade: _____ Estado: _____ Telefone: (____) _____

2. Objetivo da pesquisa:

Esta pesquisa tem como objetivo estudar a forma como populações humanas usam e/ou cultivam/manipulam recursos vegetais.

3. Descrição dos procedimentos realizados:

Serão realizadas entrevistas com moradores maiores de 18 anos para obter informações sobre o conhecimento local acerca dos recursos vegetais da região.

4. Descrição dos desconfortos e riscos da pesquisa:

Esta pesquisa não apresenta nenhum risco e/ou desconforto ao entrevistado. Caso alguma questão cause algum constrangimento, o entrevistado pode simplesmente deixar de responder.

5. Despesas, compensações e indenizações:

Você não terá despesa e nem compensação financeira relacionada à sua participação nessa pesquisa. Você tem garantido a disponibilidade de tratamento médico e indenização em caso de danos que os justifiquem e que sejam diretamente causados pelos procedimentos da pesquisa (nexo causal comprovado).

6. Direito de confidencialidade:

Você tem assegurado que todas as suas informações pessoais obtidas durante a pesquisa serão consideradas estritamente confidenciais e os registros e imagens estarão disponíveis apenas para os pesquisadores envolvidos no estudo. Os resultados obtidos nessa pesquisa poderão ser publicados com fins científicos, mas sua identidade será mantida em sigilo.

Fui informado verbalmente e por escrito sobre os dados dessa pesquisa e minhas

dúvidas com relação a minha participação foram satisfatoriamente respondidas.

Tive tempo suficiente para decidir sobre minha participação e concordo voluntariamente em participar desta pesquisa e poderei retirar o meu consentimento a qualquer hora, antes ou durante a mesma, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Guarujá, _____ de _____ de _____

Voluntário
Representante legal

Pesquisador Responsável

Telefone:
Email: